

CONSIDERAÇÕES CRÍTICAS SOBRE O FILME "O CAMPO DOS SONHOS"

O filme "O Campo dos Sonhos", de Kevin Costner, e o texto "Sobre o Conceito da História", de Walter Benjamin, desenvolvem simbolicamente reflexões sobre as vozes silenciadas da História. Vozes que interferem no presente; culturas e experiências que podem contribuir com a construção da identidade daqueles que no presente representam a continuidade daqueles que foram oprimidos e marginalizados no passado.

A "instabilidade" do passado

No filme "O Campo dos Sonhos" o personagem Kay Kinsella possui lembranças, recordações do passado. Passado instável, "intranquilo" e conflituoso que expressa imagens e sentimentos numa dupla dimensão: uma dimensão de positividade e satisfação para com os grandes nomes do baseball, do caráter alegre e descontraído daquela expressão esportivo-cultural ainda não enquadrada pelo capital e pela sociedade burguesa e da relação apaixonada do seu pai para com aquela expressão; e uma dimensão de negatividade e dor pelo fim da alegria e espontaneidade típica daquela expressão esportivo-cultural, da secura representada pelo autoritarismo e pragmatismo da sociedade com a qual convivia o personagem (a sociedade norte-americana do final dos anos 60) e da ruptura das relações mantidas com o pai (John Kinsella) pouco antes da sua morte.

As lembranças, recordações formam imagens do passado que não estão "perdidas" com relação ao presente. Elas interferem no presente comunicando com o personagem, interagindo nas suas ações, atitudes e escolhas. Elas compõem de forma ativa a estrutura psico-cultural do personagem, fruto da continuidade do tempo percorrido entre ele garoto e homem maduro, num movimento em

que o presente não apenas se comunica com o passado, mas é mesmo determinado por ele.

O passado também possui uma condição instável, intranquilo e conflituoso para Kay Kinsella por que está em disputa no seu presente. De uma lado, uma sociedade que quer imprimir a ele um tempo homogêneo, de formas interrelacionadas mas fixas, distantes e congeladas. De outro lado, a necessidade de expressar um mundo ao mesmo tempo abafado e intranquilo que quer vir à tona no presente. Trata-se na verdade, de uma disputa entre perspectivas sociais distintas em torno da cultura, ou seja, entre o conformismo e resignação imprimido na sociedade pelos setores dominantes e a resistência e a esperança criada pelos setores populares. Kay Kinsella, movido por forças subjetivas que ele não controla, liberta o passado dos instrumentos lógico-rationais da sociedade moderna e ousa permitir que as vozes abafadas e angustiadas do passado (mas também do seu presente), possam ecoar, revivendo culturas e experiências sacrificadas e silenciadas nos cemitérios da história.

A consciência da determinação que o passado exerce sobre o presente é uma construção do presente. Recuperando a reflexão benjaminiana sobre a História, devemos reconhecer que se o passado exerce esta condição de determinação, o seu conhecimento, que sempre serão imagens, lampejos da verdade somente ocorrerão através de um processo revisitado a partir do presente. Presente este que formula seus conceitos através de uma sociedade humana que é diferenciada e conflituosa e que contextualiza de forma arbitrária o passado segundo as suas condições e circunstâncias.

História e passado

Kay Kinsella, simbolicamente, concebe o direito de voz aos silenciados pela história. Isto é

muito significativo para o historiador. A História é sempre uma construção de um "agora" que pode assumir sentidos distintos. A História nas suas certezas do presente - cujos conceitos de justiça, felicidade, amor são por assim dizer absolutizados como eternos a partir das certezas do presente - constróem contextos históricos arbitrários que se impõe sobre fatos e vozes do passado. A História, não raramente, silencia e enquadra as experiência sociais "marginais" dentro de normas lógicas, racionais, acadêmicas e civilizadas sem se dar conta de que o "ordenamento" cria um passado jamais vivido realmente e impõe um presente apoiado sobre uma cultura que não é outra coisa senão a versão imposta pelas classes dominantes.

Mas aquilo que foi silenciado sempre ousa reagir sob conflitos sociais, sob as calmarias do momento ou sob o cotidiano tencionado. É sempre uma reação que nunca pode ser totalmente abafada, porque a memória e a liberdade se comunicam em função do novo, da identidade, da felicidade, enfim da humanização plena do nosso ser.

Aquilo que foi silenciado e que reage em nosso ser não pode, contudo, vir dominar-nos espontaneamente. É sempre uma manifestação cuja potencialidade não pode se materializar plenamente na medida em que as relações sociais fundadas na desigualdade e na opressão conformam infinitos mecanismos ideológico-culturais para conter estas manifestações. Daí o papel da história para amplificar as condições de expressão e materialização das vozes silenciadas.

Mas qual história? Certamente não pode ser a história fundada no positivismo, cuja erudição sacrifica a crítica e o método assassina a teoria; também não pode ser a história fundada no historicismo para o qual passado é sempre concebido como algo homogêneo e vazio e que, para penetrá-lo, haveríamos de despojar-nos dos compromissos, interesses e necessidades do presente; e nem tão pouco poderia ser a história referenciada no materialismo histórico dogmático, estruturalista e teleológico que conhece e reconhece o que foi, o que é e o que será, não tendo o que descobrir mas

apenas o que revelar - a felicidade e a libertação humana que o desenvolvimento das forças produtivas inevitavelmente provocará e que se expressará numa nova forma de consciência social.

A História que verdadeiramente assume compromisso com o presente é a história que recupera do passado aquilo que foi abafado, contido e marginalizado e que através dos seus conflitos, limites e condicionamentos expressa a resistência dos homens comuns. Uma História que seja práxis, sem que para isso tenha que ser teleológica; uma história que tenha sentido, sem que para isso empenhe confiança na ciência, na técnica e no progresso fundados na modernidade ocidental; uma história que tenha compromisso com as maiorias silenciadas, sem que para isso tenha que restringir as suas técnicas, temários, linguagens e diálogos teóricos.

Sonho e realidade

Sonho e realidade se materializam e se confrontam: a construção do campo destruindo parte do milharal e imobilizando improdutivamente uma parte da terra, comandado por vozes que o personagem não identifica e que ecoam do passado, confronta com a liquidação da hipoteca, que representa o mundo presente em que as "coisas materiais" controlam os homens e os instrumentalizam.

O confronto entre a recuperação do passado, que resiste na subjetividade individual e coletiva, com a pressão da estrutura do presente, do seguir em frente sem lançar os olhos sobre o passado e reavaliá-lo, é indicado pelo personagem como uma possibilidade da desalienação da subjetividade endurecida pelo presente, ou seja, o sonho como instrumento desalienador. Isto porque confronta com a dureza do mundo presente através da sensibilidade para com um mundo que somente existe enquanto imagens que resistem na subjetividade individual e coletiva.

A desalienação é apresentada como resgate das vozes silenciadas do passado e não como uma utopia, um devir a ser aceito e abraçado pelos homens. Talvez por que as reminiscências do passado povoam organicamente a subjetividade humana, ainda que num plano metafísico, enquanto que a utopia, igualmente metafísica, será sempre algo exterior por que não emana de experiências vividas no passado e nem no presente.

Conhecer a realidade a partir do reconhecimento das experiências sepultadas no passado e que recusam calar-se pode permitir a libertação do homem frente a dominação social no presente. A superação da escravização em que o homem se encontra submetido com relação a mercadoria, o individualismo e a concorrência; a recuperação das raízes ontológicas do nosso ser, princípio para o auto-reconhecimento e para a construção da identidade dos grupos sociais que compõe o mundo do trabalho; e o conhecimento do passado como condição necessária para a (re)-fundação das relações sociais, estão submetidos ao imperativo das nossas necessidades do "agora", mas cuja construção se projeta no devir histórico.

Walmir Barbosa